

CONCEDO-TE UM CORAÇÃO SÁBIO E INTELIGENTE

A DIMENSÃO INTELECTUAL DA FORMAÇÃO SACERDOTAL

Francisco Insa (coordenador)

Prólogo do Cardeal Beniamino Stella



[cultor]
de LIVROS

CONCEDO-TE
UM CORAÇÃO
SÁBIO
E INTELIGENTE

FRANCISCO INSA (COORD.)

CONCEDO-TE
UM CORAÇÃO
SÁBIO
E INTELIGENTE

A DIMENSÃO INTELECTUAL DA FORMAÇÃO SACERDOTAL

Tradução de Gabriel de Vitto Fernandes

[cultor]
de LIVROS

São Paulo, 2021

© Francisco Javier Insa Gómez, 2021

Tradução

Gabriel de Vitto Fernandes

Revisão

Maurício Dominguez Perez

Maria Eduarda Kramberger

Capa

Liliana M. Agostinelli

Diagramação

Cecília Hulshof Minowa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Insa, Francisco (org.)

Concedo-te um coração sábio e inteligente:
a dimensão intelectual da formação sacerdotal /
Francisco Insa (coord.). São Paulo: Cultor de Li-
vros, 2021

ISBN: 978-85-5638-238-2

1. Cristianismo 2. Vida cristã 3. Formação 4.
Sacerdócio I. Francisco Insa II. Título

CDD-248.894 2

Índice para catálogo sistemático:

1 Vida cristã : Sacerdotes 248.894 2

Todos os direitos dessa edição estão reservados a:

Cultor de Livros - Editora

Av. Prof. Alfonso Bovero, 257 - Sumaré

CEP 01254-000 - São Paulo/SP

Tel. (11) 3873-5266

www.cultordelivros.com.br

Sumário

Prólogo: A formação intelectual à serviço da nova evangelização.....	13
--	----

S.Em.R. Beniamino Stella

1. Uma nova visão a partir da <i>Ratio fundamentalis</i>	13
2. O imprescindível diálogo entre fé e cultura	16
3. A formação intelectual a serviço da evangelização	18
4. Conclusão	23

Apresentação: Amarás a Deus com toda a tua mente.....	25
---	----

Francisco Javier Insa Gómez

1. Um coração sábio e inteligente.....	25
2. Uma mente de acordo com a mente de Deus	26
3. A formação intelectual	26
4. Uma piedade fundada nas verdades cristãs	28
5. À serviço da evangelização.....	29
6. A dimensão intelectual da formação sacerdotal.....	30
7. Apaixonar-se por Deus também com a cabeça.....	32
8. O conteúdo do livro.....	33
a) <i>Alcançar a maturidade humana e espiritual</i>	34

b) <i>Os conteúdos da formação</i>	35
c) <i>Educar evangelizadores</i>	36

PARTE I

ALCANÇAR A MATURIDADE INTELECTUAL E ESPIRITUAL

Capítulo I: Caminhos de integração entre o saber e o sentir no seminário	41
--	----

Miguel de Salis

1. Introdução	41
2. A dimensão intelectual da maturidade	43
2.1. <i>Um retrato da maturidade</i>	43
2.2. <i>Qualidades fundamentais da dimensão intelectual da maturidade</i>	45
3. Alguns elementos comuns aos diferentes caminhos....	48
3.1. <i>Um olhar à atualidade</i>	48
3.2. <i>“It takes a village to raise a child”:</i> <i>seminário e escola</i>	51
3.3. <i>Gradualidade e flexibilidade</i>	52
3.4. <i>Educação através do ambiente e da responsabilidade pessoal</i>	53
4. Itinerários de integração entre “saber” e “sentir”	54
4.1. <i>Primero itinerário: aprender a receber objetivamente a realidade</i>	54
4.2. <i>Segundo itinerário: desenvolver a criatividade e o próprio modo de ver o mundo</i>	60
4.3. <i>Terceiro itinerário: desenvolver a capacidade de avaliar criticamente a realidade</i>	68

4.4. <i>Quarto itinerário: viver a prova do limite</i>	73
5. Conclusão	78
6. Bibliografia sugerida	79
a) <i>Magistério</i>	79
b) <i>Outras obras</i>	80

Capítulo II: A integração da formação intelectual com a vida espiritual do candidato ao sacerdócio..... 83

Paul O'Callaghan

1. Interdependência das quatro dimensões da formação sacerdotal.....	83
2. Chegar aos “registros” na formação	85
3. Sentimento e sentimentalismo	88
4. Ajudar a partir da direção espiritual	88
a) <i>O estudo da teologia</i>	89
b) <i>Sinceridade e docilidade</i>	89
c) <i>Experiência</i>	91
5. Na perspectiva do futuro sacerdote.....	92

Capítulo III: Verdade e Liberdade:

“A verdade vos fará livres” (Jo 8,32)..... 93

Mariano Fazio

1. A verdade, condição para uma autêntica liberdade.....	93
2. A verdade no contexto contemporâneo	94
3. A verdade na formação sacerdotal.....	95
a) <i>A verdade sobre si mesmo</i>	96
b) <i>A verdade sobre os outros</i>	97
c) <i>A verdade sobre o mundo</i>	97

d) <i>Um olhar cheio de esperança</i>	98
e) <i>Desafios atuais para a consciência cristã</i>	100
4. Formar pessoas livres.....	101
a) <i>Importância da liberdade na formação sacerdotal</i>	101
b) <i>Dimensões da liberdade</i>	102
c) <i>Os falsos antagonismos da liberdade</i>	104
d) <i>A liberdade interior</i>	106

PARTE II

OS CONTEÚDOS DA FORMAÇÃO

Capítulo IV: O estudo da filosofia e sua integração com a etapa do discipulado.....	111
---	-----

Luis Romera

1. Introdução	111
2. Identidade do discipulado	113
3. Dimensões do discipulado	116
4. Por que temos que “ir a alguém”?.....	120
5. O sentido da formação filosófica.....	125

Capítulo V: Os estudos teológicos e sua harmonização com a configuração com Cristo Bom Pastor	131
---	-----

Philippe Curbelié

1. Introdução	131
2. À frente, para guiar a comunidade	134
3. No meio, para alentá-la e sustentá-la.....	140
4. Atrás, para mantê-la unida	146
5. Conclusão	151

Capítulo VI: A formação cultural dos seminaristas. Rumo a uma síntese dinâmica de evangelização da cultura..... 153

Florian Erlenmeyer

1. Introdução 153
2. Cultura? Que cultura? 154
 - a) *Uma primeira aproximação ao conceito de cultura...* 154
 - b) *Alguns traços característicos da cultura atual*..... 155
 - I) *A multiplicidade de culturas e a crescente complexidade...*155
 - II) *Antropoceno e era digital*..... 156
 - III) *Os modelos narrativos atuais*..... 157
 - IV) *Consequências para a identidade* 158
 - c) *O discernimento dessas mudanças*..... 159
3. Uma tentativa de síntese e de integração dinâmica histórico-salvífica..... 161
 - a) *A própria experiência e a própria história como pontos de partida*..... 161
 - b) *A única base possível para uma verdadeira cultura: ser amado na história* 162
 - c) *A estrutura da nova Ratio fundamentalis como itinerário de crescimento cristão*..... 164
 - d) *“Evangelizar a cabeça”: formar uma mentalidade através de uma diaconia intelectual* 165
4. Algumas propostas concretas 165
 - a) *Haggadah! ou Narrant ergo sum*..... 165
 - b) *A família e as pequenas comunidades como “seminário” (lugar onde semear e crescer) de relações pessoais autênticas*..... 167
 - c) *Contra o automatismo*..... 168
 - d) *Desintoxicação digital e minimalismo digital*..... 169

<i>e) Evangelizar os meios de comunicação: “falemos” ...</i>	170
<i>f) Padrinhos de leitura e apostolado do livro.....</i>	171
<i>g) Cursos Alfa como início de um aprofundamento.....</i>	172
<i>h) Reisen bildet (as viagens formam).....</i>	173
<i>i) Só a beleza salvará o mundo: tudo o que é verdadeiramente belo é “nosso e cristão”.....</i>	173

Capítulo VII: Estudo no seminário e a formação permanente.....	175
--	-----

Vito Reale

1. Introdução	175
2. O papel dos formadores	176
3. Áreas e modos de desempenhar o papel de formador ...	181
<i>a) Como equipe de formadores.....</i>	181
<i>I) Ajudar a ter um plano de estudo.....</i>	181
<i>II) Defender o tempo de estudo da tarde.....</i>	182
<i>III) Facilitar espaços adequados para o estudo.....</i>	182
<i>IV) A função do diretor de estudos</i>	183
<i>V) Reuniões periódicas com os professores.....</i>	184
<i>VI) Ter em conta as notas.....</i>	185
<i>VII) Os encontros de formação coletivos.....</i>	185
<i>VIII) Fomentar uma visão ampla e coerente da vida.....</i>	186
<i>IX) Cursos de metodologia de estudo.....</i>	186
<i>b) Como formador no relacionamento pessoal.....</i>	187
<i>I) Abordar o estudo nas entrevistas de formação pessoal</i>	187
<i>II) Orientar o estudo para que se integre na unidade de vida... </i>	188
<i>III) Educar no pensamento de Cristo.....</i>	190
4. A formação permanente no que diz respeito à dimensão intelectual	191
5. Sugestões bibliográficas	192

Capítulo VIII: Educar e formar hoje: aspectos pedagógicos.....	195
---	-----

Marisa Musaio

1. Uma nova e imperiosa necessidade de educar.....	195
2. Uma perspectiva do ser humano.....	199
3. O reconhecimento da pessoa como educável.....	203
4. O conceito de educabilidade.....	206
5. A ação educativa.....	209
6. O relacionamento educativo	212
7. Para não concluir	216

PARTE III

EDUCAR EVANGELIZADORES

Capítulo IX: Mestres de coração sábio e prudente.....	221
---	-----

S.E.R. Mons. Stefano Manetti

1. O papel formativo dos docentes.....	221
2. Comunicar a própria alma.....	222
3. Ensinar a verdade sobre o homem.....	223
4. A necessidade da figura do pai	225
5. O ensino como <i>kénosis</i>	227
6. Um coração dócil	228

Capítulo X: Comunicar a fé no século XXI	231
--	-----

Lucio Adrián Ruiz

1. A Igreja e a cultura	231
2. Nossa cultura digital	233
a) <i>Caracterizada pela tecnologia</i>	233

<i>b) Globalizada e globalizante.....</i>	237
I) <i>Algumas realidades que caracterizam esta cultura</i>	237
II) <i>Algumas realidades que dão forma a esta cultura.....</i>	238
III) <i>Algumas consequências desta cultura</i>	240
<i>c) Que deixa sua marca no homem.....</i>	242
3. <i>A Igreja na cultura digital.....</i>	244
4. <i>Chaves para comunicar a fé no século XXI.....</i>	247
<i>a) Reforçar o “ver e ouvir” (cf. At 4,20).....</i>	247
<i>b) Educar a pessoa na liberdade.....</i>	248
<i>c) Presença, tempo e narrativa (transmissão).....</i>	250
<i>d) Educar o silêncio</i>	252
5. <i>Conclusão</i>	253

CAPÍTULO III

Verdade e Liberdade: “A verdade vos fará livres” (Jo 8,32)

*Mariano Fazio*⁹⁵

1. A verdade, condição para uma autêntica liberdade

Certa vez, São João Paulo II comentou que seu texto preferido da Sagrada Escritura era João 8,32: “A verdade vos libertará”. São algumas palavras de Jesus que, ainda que a princípio chamadas a serem caminho para uma vida autêntica por todos desejada, nem sempre são fáceis de compreender. Constituem, verdadeiramente, um desafio para os homens de cada época. Por acaso não parecem ser mais livres aquelas pessoas que decidem não se amarrarem à verdade alguma? Não é certo que a imposição de algumas verdades terminou causando desastres pessoais e globais? Por último... Qual verdade que, segundo Jesus, nos fará livres?

Em sua primeira encíclica, talvez pensando em questões similares às anteriores, João Paulo II escreveu: “Estas palavras encerram em si uma exigência fundamental e, ao mesmo tempo, uma advertência: a exigência de uma relação honesta com a verdade,

95 Vice Grão Chanceler da Pontifícia Universidade da Santa Cruz.

como condição de uma autêntica liberdade, e a advertência, além disso, para que seja evitada qualquer verdade aparente, toda a liberdade superficial e unilateral, toda a liberdade que não compreenda cabalmente a verdade sobre o homem e sobre o mundo. Ainda hoje, depois de dois mil anos, Cristo continua a aparecer-nos como aquele que traz ao homem a liberdade baseada na verdade, como aquele que liberta o homem daquilo que limita, diminui e quase despedaça essa liberdade nas próprias raízes, na alma do homem, no seu coração e na sua consciência. Que confirmação estupenda disto mesmo deram e não cessam de dar aqueles que, graças a Cristo e em Cristo, alcançaram a verdadeira liberdade e a manifestaram até em condições de constrangimento exterior!”⁹⁶.

“A verdade vos libertará”: aqui se encontram dois conceitos de riqueza inabarcável: a verdade e a liberdade. Em minha exposição analisarei, em primeiro lugar, a situação da verdade no contexto do mundo contemporâneo, para depois tratar da sua relação intrínseca com a liberdade.

2. *A verdade no contexto contemporâneo*

Atualmente, a ideia de que vivemos em tempos de relativismo é muito difundida. Em muitos países somente uma minoria confia na capacidade da razão de alcançar uma verdade objetiva que possa guiar o comportamento humano. Vivemos, como recordava com frequência Bento XVI, numa “ditadura do relativismo”, na qual volta à cena a postura antropocêntrica do sofisma clássico que defendia que “o homem é a medida de todas as coisas”.

Se a “ditadura do relativismo” está no centro do diagnóstico cultural feito por Bento XVI durante seu pontificado, o Papa Francisco deu uma grande importância à “cultura do descarte”:

96 São João Paulo II, carta encíclica *Redemptor hominis*, 4 de março de 1979, nº 12.

segundo a mentalidade dominante, muitas vezes caracterizada pelo desinteresse em relação às demais pessoas (individualismo), pela busca excessiva do prazer momentâneo (hedonismo) ou por um desmedido desejo de consumo (consumismo). Nessa visão, as pessoas não possuem uma dignidade intrínseca, porque “se não servem”, podem ser descartadas a qualquer momento, pois não entram na lógica do interesse-benefício-prazer. Trata-se, pois, de um relativismo prático.

Considero oportuno destacar a continuidade dos dois elementos centrais dos últimos pontificados. Francisco destaca as consequências práticas — sociais, políticas, econômicas — da enfermidade cultural denunciada por Bento XVI: se não há uma verdade objetiva para nos guiar, os poderosos tomarão as decisões, deixando-se guiar por lógicas mundanas que ignoram qualquer horizonte transcendente⁹⁷.

3. *A verdade na formação sacerdotal*

A formação dos candidatos ao sacerdócio se inscreve, necessariamente, nesse contexto cultural, no qual também vale a pena aprender a reconhecer os aspectos positivos trazidos por esses movimentos. Como lembra, com insistência, a *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, a finalidade última da formação sacerdotal — embora, na realidade, possa ser aplicada à vida cristã de qualquer fiel — é a identificação com Jesus Cristo. Para superar o relativismo do ambiente — teórico e prático — é interessante recordar que nosso olhar, nossos anseios, pousam sobre uma Pessoa que afirmou de si mesma: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Destacar que fomos chamados por uma Verdade que nos transcende e, ao mesmo tempo,

97 Cf. M. Fazio, *Da Benedetto a Francesco*, “Studi Cattolici” 651 (mayo 2015) 332-335.

nos envolve, é um antídoto eficaz contra o ambiente relativista que nega a possibilidade de uma verdade objetiva.

A Verdade que é Cristo ilumina todo o caminho da formação sacerdotal. A luz de Jesus ajuda a descobrir a verdade em suas diversas dimensões. Pode ser útil, do ponto de vista pedagógico, organizar esta exposição a partir de três dimensões da verdade: a verdade sobre si mesmo, sobre os demais e sobre o mundo.

a) A verdade sobre si mesmo

Uma formação integral para quem se sente chamado ao sacerdócio deve facilitar o conhecimento próprio. Com a luz da graça e com a ajuda prudente dos formadores, o seminarista deve auto-conhecer-se. O “conhece-te a ti mesmo” do Oráculo de Delfos tem uma evidente aplicação cristã. Partindo da visão transcendente que a fé confere e com uma atitude de humilde sinceridade, podemos especificar as fortalezas e as fraquezas da nossa própria personalidade. Assim, discernimos os aspectos nos quais precisamos trabalhar mais — sempre com a graça de Deus, fugindo de todo voluntarismo — para alcançar a meta da identificação com Cristo, iniciada com o Batismo, e, por outro lado, aqueles aspectos com os quais podemos tirar mais frutos porque temos uma facilidade especial: a verdade sobre nós mesmos também é reconhecer os talentos que o Senhor nos deu.

Às vezes, temos medo de nos enfrentar com a realidade da nossa alma. Dizia Goethe: “Conhecer-me a mim mesmo? Se o fizesse, sairia correndo espantado”. Em um contexto de desejos de crescimento espiritual, deve-se ajudar a superar os medos e facilitar para que cada um enfrente a própria vida, onde há luzes e sombras, facilidades e dificuldades e, sobretudo, muito amor e misericórdia de Deus. O conhecimento de nós mesmos — chegar à verdade da nossa vida — nos liberta, porque nos indica o caminho que temos de recorrer para alcançar nosso fim. O discernimento da vocação, apesar de

possuir uma inegável dimensão eclesial, também tem uma insubstituível dimensão pessoal: se o candidato se conhece, pode tomar suas decisões com uma liberdade interior, o que seria impossível se não tivesse esse autoconhecimento.

b) A verdade sobre os outros

O autoconhecimento não basta. Também temos de conhecer os outros. Toda pessoa humana está continuamente interagindo com os demais. Os cristãos — e agora me refiro mais particularmente aos ministros sagrados — querem mostrar Cristo a seus irmãos, os homens e mulheres do nosso tempo. O desenvolvimento da empatia, da compaixão, da compreensão e da misericórdia para com todas as pessoas com as quais se relacione ocupa um lugar privilegiado na formação sacerdotal. Cristo, repitamo-lo, é a Verdade. São Paulo nos anima a ter os mesmos sentimentos de Cristo. Contemplando nos Evangelhos sua atuação neste mundo, descobriremos todas essas capacidades que acabamos de enumerar. Ajudar a descobrir “a verdade sobre o homem” — talvez o tema central do pontificado de São João Paulo II — também tem um efeito libertador: a alma sacerdotal se ajoelha diante da dignidade de todo ser humano, criado, amado e redimido por Deus. Assim se superam os preconceitos e as discriminações: conhecendo a verdade sobre o homem, o seminarista se converte realmente em “pontífice”, em construtor de pontes.

c) A verdade sobre o mundo

Gostaria de apresentar uma terceira dimensão da verdade: a verdade sobre o mundo. Vivemos no meio do mundo. Como cristãos queremos levar a alegria do Evangelho a todos os lugares. Amamos o mundo — somos sal e luz do mundo, diz Jesus — e por isso queremos melhorá-lo. Mas para melhorar a realidade que nos rodeia, para lançar a semente evangélica, é neces-

sário conhecer o terreno. Aqueles que desejam ser operadores ativos da mudança, devem conhecer em profundidade o mundo em que vivem. Não se trata de um conhecimento teórico, frio, só de escritório. Trata-se, antes, de um conhecimento empático: existe uma espécie de círculo virtuoso entre o conhecimento e o amor. Conheço como condição prévia para amar e, quando amo, estou capacitado para conhecer melhor. O Papa, neste sentido, costuma dizer que o contato com as demais pessoas — o Povo de Deus — “nos situa”, nos faz evitar construções teóricas que nada têm a ver com a realidade. Porque o amor aos outros dilata as pupilas e me permite ver coisas que antes não apareciam diante da minha visão. É o que acontece com as mães, que possuem um sexto sentido para perceber a situação pela qual está passando alguém da sua família. Quando uma mãe diz a um filho: “Alguma coisa está acontecendo com você”, é praticamente garantido que acerta.

Vivemos em um mundo cheio de informação. Telas de todos os tipos formam parte da nossa existência cotidiana e podemos saber o que acontece do outro lado do mundo sem nos levantarmos do sofá. Abunda a informação, mas com frequência falta o conhecimento. A informação faz com que nos movamos na superfície da realidade. É expressivo que, no nascimento da internet, gestou-se o verbo “surfar” para fazer referência à dinâmica de consumo de informação que muitas vezes ali se dá: quase sempre flutuando por cima. Conhecer é ir à profundidade. “Saber” vem de *sabedoria*, que significa o conhecimento das últimas causas. Quem ama este mundo para melhorá-lo deve aspirar a um conhecimento sapiencial que chegue às raízes da realidade.

d) Um olhar cheio de esperança

Tendo em conta o que dissemos, o olhar de um candidato ao sacerdócio sobre o ambiente em que vive não pode se limitar a um diagnóstico meramente sociológico. As estatísticas ajudam

a compreender alguns aspectos da realidade, mas não nos dizem tudo. No olhar do discípulo missionário⁹⁸, nada pode ser indiferente. Paralelamente, a visão do cristão deve ser cheia de otimismo sobrenatural: não passa despercebida a presença do mal que nos acompanha, ainda que sempre se descubra a possibilidade de redimi-lo. Também comprova, a cada passo, a presença do bem, manifestação da bondade de Deus e da livre correspondência dos homens aos seus projetos de amor. O mundo transborda da glória de Deus.

Na formação para o sacerdócio é importante que se fomente um conhecimento do mundo que circunda — sobretudo do âmbito onde deverá exercer sua tarefa pastoral —, com suas luzes e suas sombras. Que encontre os instrumentos adequados para desenvolver uma capacidade crítica, que saiba distinguir entre o que pertence aos planos de Deus para este mundo — o bem —, e o que constitui um obstáculo a esses planos — o mal —. Um futuro sacerdote não pode se mover com as categorias próprias do “politicamente correto”, e não pode perder o desejo de anunciar a verdade com *parrésia* — sempre com mansidão e humildade —, mesmo que esse anúncio ocasione, às vezes, problemas e incompreensões.

A formação intelectual leva a conhecer as ideologias da moda, dentre as quais se deve separar o joio do trigo. Por sua vez, deve-se evitar uma visão pessimista, derrotista do mundo, que em nada ajuda o anúncio gozoso do Evangelho. A visão esperançosa, além de ser realista, é estrategicamente necessária para as pessoas que querem mudar o que não funciona ao nosso redor. Na Antiguidade, muitos povos observavam o comportamento das aves para esquadriñar o futuro. Às vezes, os “áugures” pensavam que a conformação de algumas entranhas de um frango, o grasnido dos corvos ou a forma de voar de outras aves pressa-

98 Cf. Francisco, exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n° 120.

giava calamidades: eram os “pássaros de mal augúrio”. Não sejamos esse tipo de pássaros. Ninguém quer seguir alguém que só profetiza tragédias e desventuras. Se queremos transformar o mundo, procuremos não perder nunca essa visão esperançosa que, além disso, é a única verdadeiramente cristã.

e) Desafios atuais para a consciência cristã

Ser positivos e procurar olhar o lado bom das coisas não implica ser ingênuos, não se dar conta de que há coisas para melhorar, que há obstáculos a serem removidos para ajudar as pessoas a serem felizes. É necessário conhecer o mal, a enfermidade, para poder sanar, curar, fechar feridas. Quais são as enfermidades do mundo atual? Quais os principais desafios para a consciência cristã? Pode nos ajudar a descrição que faz o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*: “O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem”⁹⁹.

Seriam muitas as consequências que poderíamos tirar destas poucas frases. Considero que há três atitudes vitais que estão contidas no texto da exortação apostólica e que constituem desafios atuais para uma construção cristã do mundo: o individualismo, o hedonismo e o relativismo. Como consequência de tais atitudes nos encontramos perante um desafio que podemos chamar de emergência social: são evidentes os sofrimentos de tantas pessoas, vítimas da “cultura do descarté”, que devem encontrar no candidato ao sacerdócio um lugar privilegiado no seu coração.

99 Francisco, *Evangelii gaudium*, n° 2.

4. *Formar pessoas livres*

a) **Importância da liberdade na formação sacerdotal**

Conhecer a verdade sobre si mesmo, sobre os demais e sobre o mundo nos liberta. Voltemos ao princípio desta conversa, “A verdade vos libertará”, e passemos para o segundo conceito desta frase do Senhor: a liberdade.

Estamos falando do caminho de formação para o sacerdócio. Toda formação exige a liberdade da pessoa que deseja ser formada. Um processo unilateral, no qual o formador transmite uma série de valores, informações, sugestões, conselhos etc. nunca terá eficácia se a pessoa que se forma não está interessada em assimilar livremente esse conteúdo. São João Paulo II diz isso com melhores palavras: “Não se dá formação verdadeira e eficaz se cada qual não assumir e não desenvolver por si mesmo a responsabilidade da formação. [...] Quanto mais somos formados, mais sentimos a exigência de continuar melhorando a formação, assim como, quanto mais somos formados, mais nos tornamos capazes de formar os outros”¹⁰⁰.

A liberdade é, pois, uma *conditio sine qua non* do processo formativo. Se no começo dizíamos que o conceito mesmo de verdade está em crise — a ditadura do relativismo não é outra coisa que a manifestação mais evidente da crise da verdade —, agora acrescentamos que o conceito de liberdade também. Poucos valores estão mais em alta na cultura contemporânea, mas talvez sejam poucas as pessoas que possuam uma vivência profunda da liberdade, a qual deriva da “verdade sobre o homem” que já mencionamos. São muitas, por outro lado, as correntes culturais que separam a verdade da liberdade. Na *Centesimus annus*, São João Paulo II escrevia: “A Igreja, portanto, reafir-

100 São João Paulo II, exortação apostólica *Christifideles laici*, 30 de dezembro de 1988, n° 63.

mando constantemente a dignidade transcendente da pessoa, tem, por método, o respeito da liberdade. Mas a liberdade só é plenamente valorizada pela aceitação da verdade: num mundo sem verdade, a liberdade perde a sua consistência, e o homem acaba exposto à violência das paixões e a condicionamentos visíveis ou ocultos. O cristão vive a liberdade (cf. *Jô* 8,31-32), e serve-a propondo continuamente, segundo a natureza missionária da sua vocação, a verdade que conheceu. No diálogo com os outros homens, ele, atento a toda a parcela de verdade que encontre na experiência de vida e na cultura dos indivíduos e das nações, não renunciará a afirmar tudo o que a sua fé e o reto uso da razão lhe deram a conhecer”¹⁰¹.

b) Dimensões da liberdade

O que é a liberdade? Na *Ratio fundamentalis* encontramos um grande número de referências à liberdade. O documento aborda algumas das manifestações da liberdade e pode ser útil agrupá-las tematicamente. Indo do mais central para o mais periférico, afirma que existe:

Uma liberdade para se entregar: o processo educativo deve ajudar a pessoa a ser conscientemente livre para dar-se a Deus e aos homens (n. 29); a direção espiritual ajuda a amadurecer uma resposta livre e generosa (n. 136); o ensinamento da moral deve mostrar o agir cristão como uma resposta à chamada divina à santidade e à liberdade. A doutrina moral é a “lei da liberdade” (n. 169).

Uma liberdade interior: é necessária para os alunos dos seminários menores (n. 18); o acompanhamento espiritual educa a liberdade interior (n. 46); a liberdade interior é necessária para viver o apostolado como serviço (n. 119).

Uma liberdade relativa aos condicionamentos interiores e exteriores (liberdade de): livres em relação aos bens materiais (n.

101 São João Paulo II, carta encíclica *Centesimus annus*, 1º de maio de 1991, nº 46.

111); livres dos nossos pontos de vista muito subjetivos (n. 115); desprendidos das expectativas exageradas das famílias (n. 148); livres do apego ou dependência do mundo digital (n. 99).

Uma liberdade de escolha: nos seminaristas menores (n. 22); para escolher o diretor espiritual (n. 107).

Uma liberdade psicológica para declarar de modo livre, consciente e definitivo a vontade de ser ordenado sacerdote (n. 74); e para assumir os compromissos da vocação e do ministério (n. 191).

A lista não é exaustiva e gostaria de sublinhar a importância que a *Ratio* dá à relação entre liberdade e obediência (n. 109); e liberdade e celibato (n. 110).

Como se vê, o termo liberdade é polissêmico, e considero necessário esclarecer os diferentes níveis da liberdade para garantir um processo formativo maduro e fecundo. Foram escritos volumes inteiros sobre esse tema, e não há uma única forma de explicar esses níveis. Tentarei uma que considero clara e útil, assentada na antropologia cristã.

Podemos distinguir entre uma “liberdade para” e uma “liberdade de”. A primeira indica que a pessoa humana está dotada de liberdade para alcançar um fim. Fui criado para um fim — para a felicidade, para a verdade, o amor e a beleza, ou, mais explicitamente, para Deus — e alcançarei esse fim de uma maneira concorde com a dignidade da pessoa humana, quer dizer, livremente. Deus não quer escravos: quer filhos que respondam ao seu amor com amor. Daí que a liberdade cristã — e, de modo geral, a liberdade humana — não é só e simplesmente indeterminação da vontade e capacidade de escolha entre muitas possibilidades, apesar de poder pressupô-las. É a autodeterminação em vistas ao meu fim último. Aplicando estes princípios à vida cristã e ao caminho de formação ao sacerdócio, a liberdade implica dirigir-me ao fim, que é a identificação com Cristo, realizando ao longo da minha existência todas as escolhas necessárias para chegar à meta. Muitas vezes nos equivocaremos — por ignorância, por fraqueza ou por má vontade —, mas sempre temos a possibilidade de retificar e voltar para o caminho.

c) Os falsos antagonismos da liberdade

Detenhamo-nos nesta “liberdade para”, que é a mais originária. Fomos criados livres para amar — nosso fim último é Deus, e Deus é Amor —, e o ato próprio do amor é a doação, a entrega, o dom sincero de si. Esses três conceitos iluminam a noção de liberdade e conseguem superar a aparente oposição entre liberdade e entrega ou liberdade e obediência. Amar é dar-se, entregar-se. A entrega é fruto do amor e consequência da liberdade. É o exemplo que Jesus nos deixou: toda sua vida na terra é uma contínua entrega, até chegar ao dom completo da Cruz, com uma livre e amorosa obediência aos desígnios salvíficos do Pai (cf. *Hb* 10,7): “O Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai” (*Jô* 10, 17-18). Karl Adam comenta essas palavras do Senhor, sustentando que “jamais houve na terra ato interno tão livre, nem produzido de modo tão exclusivo pela vontade pessoal, quanto o sacrifício de Jesus sobre o Gólgota”¹⁰². São Josemaria, por sua vez, referindo-se à Paixão de Cristo, acrescenta: “Entrega-se à morte com a plena liberdade do amor”¹⁰³.

Dessa perspectiva cristocêntrica, entende-se que liberdade e entrega, liberdade e autoridade, liberdade e obediência, não se excluem, mas se reclamam mutuamente. Esquecer-nos de nós mesmos e dar-nos aos demais é fruto da liberdade; respeitar e obedecer às determinações da autoridade legítima pode ser manifestação de um uso maduro da nossa liberdade; cumprir com os deveres de estado não impede nossa liberdade, mas pode dirigi-la ao seu autêntico fim: nosso aperfeiçoamento moral, no plano

102 K. Adam, *Jesus Christus*, Patmos-Verlag, Düsseldorf 1946, p. 246.

103 São Josemaria Escrivá de Balaguer, *Via Sacra*, X estação, Quadrante, São Paulo 1986.

humano, e nossa identificação com Cristo, no plano sobrenatural. “Nada mais falso do que opor a liberdade à entrega de si — aponta São Josemaria —, porque essa entrega surge como consequência da liberdade. Reparemos: quando uma mãe se sacrifica por amor aos seus filhos, fez uma opção; e, conforme for a medida desse amor, assim se manifestará a sua liberdade. Se esse amor for grande, a liberdade se mostrará fecunda, e o bem dos filhos procederá dessa bendita liberdade, que implica entrega, e procederá dessa bendita entrega, que é precisamente liberdade”¹⁰⁴.

Cornelio Fabro destaca que São Josemaria, “imerso no anúncio evangélico da liberdade entendida como a libertação da escravidão do pecado, confia naquele que crê em Cristo e, depois de séculos de espiritualidades cristãs baseadas na prioridade da obediência, inverte a situação e faz da obediência uma atitude e consequência da liberdade, como um fruto de sua flor, ou, mais profundamente, de sua raiz”¹⁰⁵. Desta forma, ganha clareza o seguinte parágrafo de São Josemaria, onde usa uma expressão muito audaz: “Sou muito amigo da liberdade, e precisamente por isso estimo tanto essa virtude cristã. Devemos sentir-nos filhos de Deus e viver com o empenho de cumprir a vontade do nosso Pai, de realizar tudo segundo o querer de Deus, simplesmente porque nos apetece, que é a razão mais sobrenatural”¹⁰⁶.

Está sempre à espreita a tentação de reduzir a vida cristã à observância de certas práticas e ao cumprimento de certas regras que supostamente garantem a salvação ao preço da renúncia à liberdade. A posição autenticamente cristã se encontra no oposto dessa visão formalista: cumprir o dever por amor é próprio de almas livres, não de espíritos acanhados. Procuramos ser fiéis a

104 Idem, *Amigos de Deus*, Quadrante, São Paulo 2018, n° 30.

105 C. Fabro, *El primado existencial de la libertad*, em P. Rodríguez, J. M. Zumaquero (coord.), *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer y el Opus Dei*, Eunsa, Pamplona 1982, p. 337.

106 São Josemaria Escrivá de Balaguer, *É Cristo que passa*, Quadrante, São Paulo 2018, n° 17.

nossos compromissos, apoiados na graça de Deus, movidos pelo amor e com liberdade interior, sem coações. Como libérrima foi a entrega de Jesus na Cruz. Neste sentido, ganham particular relevância as palavras de Bento XVI: “É nesta sua obediência ao Pai que Jesus realiza a própria liberdade como escolha consciente motivada pelo amor. Quem é mais livre do que Ele, que é o Onipotente? Ele, porém, não viveu a sua liberdade como arbítrio ou poder. Ele viveu-a como serviço. Deste modo, ‘preencheu’ de conteúdo a liberdade que, se assim não fosse, seria apenas a ‘vazia’ possibilidade de fazer ou não fazer algo. Como a própria vida do homem, a liberdade haure o sentido do amor. [...] Portanto, é algo totalmente diferente da arbitrariedade; é o seguimento de Cristo no dom de si mesmo até ao sacrifício da Cruz. Pode parecer um paradoxo, mas o Senhor viveu o ápice da sua liberdade na cruz, como cume do amor. Quando no Calvário gritavam: ‘Se és o Filho de Deus, desce da cruz’, Ele demonstrou a sua liberdade de Filho precisamente permanecendo naquele patíbulo para cumprir completamente a vontade misericordiosa do Pai”¹⁰⁷.

Entendida assim, a liberdade se apresenta como uma aventura apaixonante: é o motor da resposta de uma alma enamorada ao Amor que a chama. O formador precisa ter a capacidade de apresentar as exigências da vida própria do candidato ao sacerdócio como exigências do amor, aceitas livremente. Para isso, ele deve se sentir livre e cheio de um amor gozoso, transmitindo aos seminaristas esta alegria e felicidade.

d) A liberdade interior

É necessária a liberdade interior a fim de que a “liberdade para” alcance sua meta, isto é, a alma precisa estar livre de todas as dependências das coisas que não são Deus e o bem das almas.

107 Bento XVI, *Angelus*, 1º de julho de 2007.

Por isso, a liberdade interior ou liberdade espiritual implica as “liberdades de”. É fácil constatar que na atualidade muitas pessoas que se consideram livres, muitas vezes, não são tão livres assim, porque suas paixões as escravizam. Se “a verdade nos libertará”, o que nos escraviza é a mentira. As supostas felicidades que nos oferecem o individualismo, o consumismo ou o hedonismo, são um engano. Não nos esqueçamos que o demônio é “o pai da mentira” (Jo 8,44). A insistência da *Ratio fundamentalis* nestas “liberdades de” responde ao ambiente no qual nos movemos, que nos oferece, constantemente, possibilidades de cair em dependências que não libertam. É esse ambiente que, dizíamos páginas atrás, temos que conhecer, com sentido crítico e com desejo de melhorá-lo. E uma das formas de melhorar o ambiente é não cair nas tentações dos falsos ídolos das ideologias. O candidato ao sacerdócio pode dar um atrativo testemunho de senhorio de si mesmo aos seus companheiros e amigos que muitas vezes estão atados pelos laços das dependências (álcool, drogas, pornografia, consumismo etc.).

Neste contexto formativo, temos que mostrar, positivamente, a importância de um uso maduro das mídias digitais, do desprendimento dos bens materiais, de uma sadia independência — cheia de amor e gratidão — às petições irrazoáveis da família natural etc. Saber “dizer não” significa dizer que sim à chamada de amor que nos dirige ao Senhor. Em outras palavras, livrar-se dessas dependências produz uma liberdade na alma que a capacita para voar alto e atrair muitas almas para o seguimento de Cristo.

Em uma carta pastoral de janeiro de 2018, o atual prelado do Opus Dei se referia à importância da liberdade interior, que nos leva a fazer tudo por amor: “Atuar livremente, sem sofrer coação de nenhum tipo, é próprio da dignidade humana e, mais ainda, da dignidade das filhas e dos filhos de Deus. Ao mesmo tempo, é necessário ‘fortalecer o apreço por uma liberdade não arbitrária, mas verdadeiramente humanizada pelo reconhecimento do

bem que a precede' (Bento XVI, *Caritas in veritate*, n. 68): uma liberdade reconciliada com Deus.

“Gostaria de me deter na consideração da importância da *liberdade de espírito*. Não me refiro ao sentido ambíguo, que às vezes também se dá segundo a expressão: atuar conforme os próprios caprichos e em resistência a qualquer norma. Na realidade, a liberdade de todas as pessoas humanas está materialmente limitada por deveres naturais e compromissos adquiridos (familiares, profissionais, cívicos etc.). No entanto, sempre podemos atuar livremente, se o fazemos por amor: ‘*Dilige et quod vis fac: Ama e faz o que quiseres*’ (São Agostinho, *In Epist. Ioan. ad Parthos*, VII, 8). A verdadeira liberdade de espírito é esta capacidade e atitude habitual de obrar por amor, especialmente no empenho de seguir o que, em cada circunstância, Deus pede a cada um.

“‘Tu me amas?’ (Jo 21,17): a vida cristã é uma resposta livre, cheia de iniciativa e de disponibilidade, a esta pergunta do Senhor”¹⁰⁸.

O grande desafio que temos nos seminários é formar pessoas livres, que identifiquem suas vidas com aquele que disse de si mesmo que é a Verdade. *Veritas liberabit vos* (Jo 8,32). Termine-mos, reiterando nossa primeira citação: “Ainda hoje, depois de dois mil anos, Cristo continua a aparecer-nos como aquele que traz ao homem a liberdade baseada na verdade, como aquele que liberta o homem daquilo que limita, diminui e quase destrói essa liberdade nas próprias raízes, na alma do homem, no seu coração e na sua consciência”¹⁰⁹.

108 F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 9 de janeiro de 2018, nº 5, em <https://opusdei.org/es/document/carta-pastoral-prelado-opus-dei-9-enero-2018> (15.01.2020).

109 São João Paulo II, *Redemptor hominis*, nº 12.